

WALTER BENJAMIN E CORA CORALINA: UMA INCURSÃO À NARRATIVA

UM TEMA EMERGE: A NARRAÇÃO

A narrativa tem se insurgido como um tema de especial importância para mim. O contato com o texto “O Narrador”, de Walter Benjamin (1985), se fez de tal modo presente que me mobilizou em busca de tentar entendê-lo por dentro, esmiuçar o seu conteúdo e articulá-lo com alguns outros textos e autores. Bom, e o que há no texto de Benjamin que o faz um eixo de reflexão tão central para mim?

Primeiro, a tentativa de resgate pelo autor desta antiquíssima forma de comunicação – a Narrativa, que para Benjamin, já em 1936 – ano em que escreveu o texto, encontrava-se em processo de extinção. Benjamin também tenta preservar a narração, posto que nos leva a pensar sobre a sua importância pelo conteúdo, simples e ao mesmo tempo denso, lúcido e ao mesmo tempo poético, que nos presenteia através de “O Narrador”. Há, outrossim, algumas contribuições suas relacionadas ao assunto em “Sobre alguns temas em Baudelaire”. (Benjamin, 1975).

Surge-me, de pronto, a indagação: o que se dá fundamentalmente com a história humana que está relegando um dos canais mais antigos de comunicação, uma forma cotidiana, desde os pri-

ÂNGELA DE ALENCAR ARARIPE PINHEIRO*

RESUMO

O trabalho toma como objeto a narrativa e como ponto de partida de análise as idéias de BENJAMIN, articulando-as com a de outros autores, como Ginzburg e Arendt. Procura formular reflexões e questionamentos, identificar ressonâncias, estabelecer articulações novas, enfim, trazer a NARRATIVA para o centro da discussão, buscando contribuir para o seu resgate e preservação como instrumento do saber humano. Traz um exemplo da narrativa – a contribuição de CORA CORALINA, tentando articular a sua obra com o pensamento de BENJAMIN, buscando compreender como a narração cumpre o papel de caminho para o desvelamento do cotidiano. As categorias centrais de BENJAMIN para a narrativa e a figura do narrador têm sua identificação buscada a partir de uma obra de CORALINA - “Vintém de cobre – meias confissões de Aninha.”

*Professora do Departamento de Psicologia e aluna do Curso de Doutorado em Sociologia da UFC.

mórdios de nossa história, de trocar, enriquecer e construir experiências e, até, de construir a própria história dos homens?

Ora, Hannah Arendt (1995) já nos alerta para “O fato de que toda vida individual, compreendida entre o nascimento e a morte, pode vir a ser narrada como uma história com princípio e fim, é a condição pré-política e pré-histórica da História, a grande história sem começo nem fim.”(p.197) Assim, parece-me essencial mergulhar nas reflexões sobre narrador e narrativa, buscando uma maior compreensão.

Além disso, que categorias são ressaltadas no texto de Benjamin, ao abordar a narrativa, que merecem uma reflexão maior? Creio que há várias e sobretudo que, se to-

mássemos apenas uma delas, já haveria material suficiente para a elaboração de um trabalho extremamente denso. São elas: a experiência; a sabedoria; a marca do narrador; a oralidade; o dom de ouvir; a observação, a capacidade de narrar; a figura do narrador.

Essa elencação trouxe-me à lembrança que Lyotard (1993) coloca o saber dizer, o saber ouvir e o saber fazer como os três aspectos básicos do saber narrativo.

Mas, tentando ir mais fundo, por que tudo isso ressoa tão fortemente em mim?

Primeiro, posso identificar que ressoa com o conteúdo de meu projeto de tese Pinheiro (1995), cujo objeto é a investigação, a partir de situações do cotidiano da criança, de seu reconhecimento ou não, de sua representação social ou não, como cidadã. Ora, as representações sociais se formam, principalmente, através das conversações e dos diálogos cotidianos Moscovici (1994), instâncias em que as narrativas, suas ruínas (os provérbios – no entender de Benjamin), o senso comum, o discurso popular, se fazem presentes e se elaboram muito visível. Trabalhando com amostra formada por crianças, na faixa etária de 8 a 12 anos, como indicado no Projeto de Tese, a oralidade, categoria intimamente ligada à narrativa, será de fundamental importância para a observação e as entrevistas a serem executadas com as crianças.

Segundo, porque tudo isso tem a ver com a experiência de ser humana, bem assim com a experiência de ser humana trabalhando no âmbito das Ciências Humanas. O que fazemos nós, profissionais das Ciências Humanas, se não ouvirmos textos, pessoas, realidades, poemas, e recontá-los, em salas de aula, bem como através de artigos, *papers*, livros, conferências e outros caminhos mais? Não é nosso trabalho igualmente artesanal como a narrativa, no sentido de que construímos, ou deveríamos construir, em nosso cotidiano, narrativas, a partir dos textos que ouvimos, os mais diversos – em termos de conteúdo e forma? Parece-me que sim. Foi quando cheguei a este sim, como resposta à minha própria indagação que me decidi a abordar a Narrativa por intermédio deste trabalho.

Ademais, a que tipo de textos temos estado atentos? Estaremos restritos a um determinado tipo de escuta, apenas a de natureza acadêmica, ou temos nos permitido estar abertos a escutar, a entender, a ouvir textos outros, igualmente férteis para a compreensão do humano?

Despertado o interesse, expresso através desses questionamentos, creio que, agora, os objetivos do trabalho ficam mais claros:

a) tomar como objeto a categoria da Narrativa, tendo como ponto de partida inicial de análise as idéias de Walter Benjamin (1985), articulando o seu conteúdo com o pensamento de outros autores Ginzburg (1989); Arendt (1995), e formular reflexões e questionamentos, identificar ressonâncias, estabelecer articulações novas, enfim, trazer

a Narrativa para o centro de discussão, em busca de também contribuir para o seu resgate e sua preservação, como objeto de saber humano;

b) trazer para discussão um exemplo de Narrativa, através da contribuição de uma narradora contemporânea brasileira, Cora Coralina, tentando articular a sua obra com o pensamento de Benjamin e dos demais autores, buscando compreender como a narração cumpre seu papel de caminho, de instrumento para o desvelamento do cotidiano. A partir de Cora Coralina, partindo do conteúdo de um de seus livros – *Vintém de cobre: minhas confissões de Aninha*, tentar-se-á identificar as categorias centrais da narrativa e da figura do narrador, abordadas por Benjamin, conforme já anteriormente citadas.

Convém ressaltar que este trabalho procurará seguir uma das abordagens possíveis do texto “O Narrador”, qual seja, analisá-lo a partir de dois grandes tópicos, intimamente relacionados: a caracterização do narrador e a técnica da narrativa.

O NARRADOR

O primeiro narrador verdadeiramente e que continua a sê-lo, afirma Benjamin, é o narrador de conto de fadas, assim como foi Heródoto o primeiro narrador grego. Oportuno se faz citar que, para o autor,

“O conto de fadas nos revela as primeiras medidas tomadas pela humanidade para libertar-se do pesadelo mítico. O conto de fadas ensinou há muitos séculos à humanidade e continua ensinando hoje às crianças que o mais aconselhável é enfrentar as forças do mundo mítico com astúcia e arrogância.”(p. 215)

Pergunto-me, de imediato, se só as crianças, com o passar das eras, conseguiram guardar essa capacidade, essa coragem de compreender e enfrentar pesadelos de ordem mítica. Perdemos nós adultos essa prerrogativa? Ou melhor, permitimo-nos perder?

Os representantes arcaicos da figura do narrador foram, para Benjamin, o camponês sedentário e o marinheiro comerciante, que faziam uso da arte da interpretação. Posteriormente, os artífices foram os aperfeiçoadores da arte de narrar, a partir do conhecimento que lhes chegava do saber das terras distantes e do passado.

Já Carlo Ginzburg (1991) aponta o caçador como o primeiro homem a narrar uma história, a partir de sua capacidade de ler aparentemente mudas, tais como ramos quebrados, pisadas, entre outras, que eram deixadas pelas presas. Não vejo na constatação de Ginzburg um desmentido ao que afirma Benjamin, e, sim, um antecessor ainda mais arcaico, como primeiro narrador, do que, como cita Benjamin, o narrador de contos de fadas.

Ginzburg fala-nos de uma seqüência narrativa, que ele acredita talvez “tenha nascido pela primeira vez numa sociedade de caçadores, a partir da experiência de decifração de pistas.” (p.152) Trata-se, evidentemente, de uma hipótese indemonstrável, como indemonstrável, veremos, é a força da credibilidade da narração, que não necessita de passar pela verificação empírica para ser acreditada pelos ouvintes. A autoridade está no narrador.

E, no mundo contemporâneo, poderemos vislumbrar alguma profissão, em que se identifique o narrador? Lembrei-me da figura do contador de histórias, que até à época de minha infância (tempo não distante assim...) conseguíamos identificar e por vezes conviver em várias cidades do interior do Estado do Ceará, e que hoje, tudo indica, torna-se cada vez mais, um personagem raro.

Veio-me à lembrança, também, uma espécie de narrador, que chamo quase solitário: o cliente de processo psicoterápico, que, de uma certa forma, conta e refaz a sua própria história, tendo como ouvinte apenas o(a) psicoterapeuta.

Finalmente, ocorreu-me o(a) contador(a) de histórias para crianças, geralmente um papel assumido pelas mulheres (mães, ou mesmo as avós, ou a quem a criança está sob os cuidados – babá, crecheira etc), geralmente sob a atenção redobrada das crianças que, é importante que se diga, por vezes procuram recontá-las, colocando-se nelas (a marca do narrador?), e, em outras ocasiões, pedindo que lhes sejam as histórias, já ouvidas muitas vezes, recontadas fielmente. Serão esses os narradores contemporâneos?

Para Benjamin, “são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente.”(p. 197)

Benjamin refere-se à figura do contista, no qual o narrador se secularizou.

Vejo o contista eventualmente presente nos jornais e, raramente, deparamo-nos com personagens

no nosso cotidiano que são capazes de efetivamente transformá-lo em objeto de narração. Estarão também os cronistas em processo de extinção? Será que isso decorre da necessidade, apontada por Benjamin, de o narrador ter sempre suas raízes no povo, “principalmente nas camadas artesanais”? Será que esse processo também está ligado à extinção imposta quase totalmente ao ofício do artesão, cada vez mais e mais substituído pelo operário produtor em série, fabricante de artigos despersonalizados ou banalizados pela quantidade?

Para Benjamin, há uma distância entre o narrador e seus ouvintes. Diz: “Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo distante que se distancia ainda mais.”(p. 197)

O que será que distancia o narrador? A sua sabedoria, aliada à condição de quem sabe dar conselhos e que detém um senso prático, características a ele atribuídas por Benjamin?

A matéria-prima do narrador é a experiência, é dela que o narrador retira o que conta, seja a sua própria experiência, de outros ou do ouvinte. A isso associa-se a marca que ele imprime na narração, que decorre do mergulho que o narrador efetua na narrativa, que passa, então, a contar com a marca do narrador. É um processo realmente denso, encantador, fascinante.

Benjamin, abordando a relação entre ouvinte e narrador, ressalta a memória como a mais épica de todas as faculdades e a importância dessa relação – entre ouvinte e narrador, que ele qualifica como ingênua, na conservação do que foi narrado. Creio que essa ingenuidade apontada, bem assim a conservação, estão intimamente vinculadas a uma preservação maior da confiança, da confiança no que é ouvido, sem a necessidade de uma comprovação, de uma legitimação outra, que não a própria palavra do narrador e a sua contribuição como depositário de um saber, saber que ele compartilha com o ouvinte, através da narrativa.

Uma afirmação de Hannah Arendt (1995) sobre o narrador parece merecer agora um destaque. Trata-se de sua crença de que “muito embora as histórias sejam resultado inevitável da ação, não é o ator, e sim o narrador que percebe e ‘faz’ a história.”(p.205) Diz, ainda, que o narrador sabe melhor o que aconteceu do que os próprios parti-

cipantes da história, posto que tem um olhar retrospectivo sobre a ação, que tem significado completamente diferente para o ator e para o narrador.

Tal abordagem faz crescer o papel do narrador, em termos da preservação da história humana, a quem se atribui tamanha força de fidedignidade no contar e recontar as histórias, e a estas, que fazem, sem dúvida, a História.

A NARRATIVA

E o resultado do ofício do narrador – a NARRATIVA – como é abordada por Benjamin?

Iniciemos pela experiência, que é por ele apontada como o elemento central da narrativa. O vivido, o individual, o testemunhado pelo narrador, através de sua própria experiência, quando compartilhado com o(s) ouvinte(s), assume significados coletivos e recebe, ao mesmo tempo, outras experiências. Assim, deparamo-nos, através da narrativa, com o encontro, a junção, a imbricação de vários níveis de experiência: a do narrador – seja ela direta ou indireta, essa última quando o narrar refere-se a experiências de outros; a do ouvinte, que tem na narração uma experiência que passa a fazer parte da sua própria; a experiência do coletivo em que se dá a narração, coletivo esse que certamente se transforma com o conteúdo advindo da narração.

Em outro texto, “Sobre alguns temas em Baudelaire”, Benjamin (1975) refere-se à experiência como um fato de tradição, quer para a vida coletiva, quer para a individual, idéia também presente em Arendt (1995), que nos alerta para o fato de que, no mundo moderno, as experiências estão sob a ameaça de ficarem mudas, “na ausência de referências e parâmetros, através dos quais possam ser elaboradas como experiências significativas.” (Arendt, *apud* Telles, 1990:36).

Voltando a Benjamin (1985):

“A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (p. 198)

Ora, todas essas situações – tanto da experiência passada pessoa a pessoa, como a narrativa oral – requerem o estar frente a frente entre os homens,

o contato direto. Quanto a isso, Benjamin alerta para a crescente raridade dos momentos de intercambiar experiências e diz que “uma das causas desse fenômeno é óbvia: as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo.” (p. 198)

Neste sentido, convém lembrar que Hannah Arendt (1995) aponta a narração de histórias como a forma mais comum de transformação, desprivatização e desindividualização do que vem do âmbito privado e passa adequadamente a uma aparição pública. Para a autora de “A Condição Humana”, o aparente – aquilo que vimos e ouvimos, sob o testemunho uns dos outros – é que constitui a realidade. O que não é compartilhado não está na esfera pública, ou seja, o que não se encontra na história comum dos homens tem, para Arendt, uma “espécie de existência incerta e obscura.” (p. 59)

A narração de histórias tem, assim, especial significado, posto tratar-se de caminho para a transformação do individual, do privado, para o público. Ademais, podemos certamente apontar a categoria da experiência, sua troca, como se dando na esfera pública, como pública é a experiência que resulta da contação e recontação de histórias.

Este paralelo entre as contribuições de Benjamin e de Arendt leva-nos a ressaltar que a palavra, o discurso, tem fundamental importância no pensamento de Arendt. As histórias narradas – instâncias do discurso, podem, no entender de Arendt,

“ser registradas em documentos e monumentos; podem tornar-se visíveis em objetos de uso e obras de arte; podem ser contadas e recontadas e transformadas em todo tipo de material. Por si, em sua realidade viva, possuem natureza inteiramente diferente de tais reificações. Falam-nos mais de seus sujeitos, do ‘herói’ que há no centro de toda história, como qualquer produto humano fala do artífice que o produziu, sem, no entanto, serem produtos propriamente ditos.” (p. 197)

Será possível, sob as trilhas do pensamento de Arendt, conceber a narração de histórias como um momento de testemunho, elemento essencial na esfera pública, na formação do aparente e da realidade? Vera Telles (1990), comentando a obra de Arendt, lembra-nos que ela confere especial importância à narração, que significa a reificação que

permite atribuir significado aos acontecimentos e, de conseqüência, o estatuto de uma coisa entre as coisas do mundo existente, do mundo comum. A narração, para Hannah Arendt, é, além disso, um dos caminhos da palavra para preservar a ação do esquecimento.

É por demais interessante a abordagem que Benjamin faz do momento de escutar histórias, ocasião em que se está em companhia do narrador, até em se tratando de narrativas escritas, quando também desfrutamos da companhia do narrador. Situação contrária – de solidão – ocorre, no entender de Benjamin, com o leitor do romance. Enquanto, na narrativa, o ouvinte desfruta da companhia e tende a recontar o que ouviu, no romance, o ouvinte experiencia a solidão e sua tendência é querer transformar o que leu em coisa sua, em devorá-la. Benjamin vai além, para distinguir o romance da narrativa, posto que detêm diferentes estatutos históricos: enquanto a narrativa traz em si a “moral da história”, o romance contém um “sentido da vida”. E diz ainda Benjamin:

“...numa narrativa a pergunta – e o que aconteceu depois? – é plenamente justificada. O romance, ao contrário, não pode dar um único passo além daquele limite em que, escrevendo na parte inferior da página a palavra fim, convida o leitor a refletir sobre o sentido de uma vida.” (p. 213)

Benjamin resgata, ainda, uma ruptura que se deu, com a desagregação da poesia épica, que apagou a unidade de origem comum da rememoração – musa do romance, e da música – e da musa da narrativa, que é a reminiscência. Desagregam-se e isso se reflete nos âmbitos, diferenciando-os, romance e narrativa.

A comparação entre essas formas de comunicação traz ainda, por Benjamin, outros elementos esclarecedores, posto que o autor considera o surgimento do romance como “o primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa.” (p. 201)

Observamos que é esta a única ocasião, no texto “O Narrador”, em que Benjamin fala da morte da narrativa, ao invés de processo de extinção, decadência, ou que está definindo. Essa importância toda do romance deve-se à sua ligação essencial com o livro, a contraposição que ele permite en-

tre a imprensa (instrumento dos mais importantes para a consolidação da burguesia) e a tradição oral; e, como já falamos anteriormente, entre o indivíduo isolado (leitor do romance) e a experiência compartilhada (quando da narrativa).

A ligação do romance com a burguesia fica extremamente clara nesta passagem de Benjamin: “O romance, cujos primórdios remontam à Antigüidade, precisou de centenas de anos para encontrar, na burguesia ascendente, os elementos favoráveis ao seu florescimento.” (p. 202)

Vejamos, agora, a vinculação que Benjamin apresenta entre narrativa e sabedoria. Definindo a sabedoria como o objeto épico da verdade, Benjamin afirma que a narrativa está definindo porque a sabedoria está em extinção.

Benjamin apresenta a morte como a “sanção de tudo o que o narrador pode contar. É da morte que ele deriva a sua autoridade.” (p. 208) E, ainda, que “...é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível.” (p. 207)

Penso que a legitimidade que a morte imprime ao saber é tanto no sentido de que há de alguma forma uma idéia de completude do saber, de uma sabedoria que com a morte atinge um ápice, como também no sentido de que a morte deixa o saber, a sabedoria em disponibilidade para prosseguir, através da experiência dos outros, recebida pela narrativa, pelas histórias contadas e recontadas.

Além disso, no entender de Benjamin,

“O saber, que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição –, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência. Mas a informação aspira uma verificação imediata.” (p. 202/3)

É, pois, fundamental a distinção entre o saber advindo da narrativa e o que provém da informação, em termos de verificação: enquanto a credibilidade na narrativa é implícita, a informação requer uma verificação.

Haverá alguma relação dessa exigência com o advento e a predominância do Positivismo no seio das ciências e, de conseqüência, sua influência nos

critérios de credibilidade, de forma mais geral, quanto ao saber?

Benjamin (1975) reitera a substituição da narração pela informação, o que se reflete no que denomina a progressiva atrofia da experiência, que, por sua vez, se afasta da narração, que ele considera, como já foi dito, uma das mais antigas formas de comunicação. Para Benjamin, a narração “não visa, como a informação, comunicar o puro em si do acontecimento, mas o faz penetrar na vida do relator, para oferecê-lo aos ouvintes como experiência. Assim aí se exprime o sinal do narrador, como o da mão do oleiro no vaso de argila.” (p. 37)

A experiência é ainda vista por Benjamin como um instrumento que reporta ao tempo passado, que o preenche e o articula. Como pode o ser humano viver sem um elo, um caminho de articulação entre os vários “tempos” de sua vida? Será isso admissível para a vida humana, em seu sentido mais amplo?

Benjamin acrescenta, ademais, a liberdade de que goza o leitor ou ouvinte na narração quanto ao contexto psicológico, no qual ele pode interpretar à vontade a história escutada/lida, o que permite que o fato narrado alcance uma amplitude inexistente na informação. Isso porque, enquanto “metade da arte de narrar está em evitar explicações” (p. 203), a informação liga-se diretamente a fatos explicativos. Além disso, a informação necessita de ser nova para ter valor, o que contrasta frontalmente com a narração, que guarda suas forças por muito tempo, podendo ainda se desenvolver. São palavras de Benjamin: “Nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica.” (p. 204)

Ou seja, a concisão leva à facilidade de memorização, que por sua vez facilita a recontagem da narrativa.

Não é certamente à toa que a narrativa é um veículo privilegiado da tradição oral, do saber através dos tempos e da atribuição que Benjamin faz ao narrador de sintetizar o mestre, o sábio e o justo.

Benjamin associa, de forma brilhante, a arte da narrativa com o dom de ouvir e o lidar com o tempo. Nesse sentido, resgata o tédio como sentimento promissor ao narrar, posto que permite aos homens que se esqueçam mais de si e se liguem, se

entreguem, vivam mais o que é contado. Essa rede permite o desenvolvimento do dom narrativo.

Quero, além disso, aprofundar o sentido imensamente humano que há no dom de ouvir, quer para a conservação do saber, no sentido da sabedoria, quer como instrumento essencial para a efetivação, a transformação e a construção das relações humanas. Ademais, o dom de ouvir, parece-me, trata-se de elemento essencial para o fazer das Ciências Humanas. Como dispor-se a compreender o tecido social, suas estruturas, seu funcionamento, enfim, sua cultura, sem que o ouvir esteja, e muito, presente? Como interagir essencialmente, sem que o dom de ouvir seja mutuamente cultivado pelos seres humanos envolvidos nos diálogos, nas interações?

Vejo nestas observações ligação íntima com a classificação que Benjamin faz da narrativa como uma forma artesanal de comunicação. Ora, o artesão constrói objetos um a um, deixando em cada um deles a sua marca, da mesma forma que o narrador imprime a sua marca a cada narrativa. O ouvinte, como companhia essencial do narrador, também se marca com a narrativa e nela há de colocar igualmente a sua marca. Tudo isso é comunicação, é construção, é o sistema cultural em formação.

O artesão necessita, por certo, de dispor de muito mais tempo do que o operário que produz em série. Digamos que o artesão precisa perder tempo, para usar uma expressão rotineira (na verdade, parece muito mais um ganhar tempo), nesta época histórica em que o tempo, diz-se, é precioso, no sentido de que tem que ser aproveitado, que não se pode perder um só segundo. Isso difere visceralmente do que diz Benjamin: “...e já houve o tempo em que o tempo não contava.” “Com efeito, o homem conseguiu abreviar até a narrativa.” (p. 206) Isso se deu, segundo Benjamin, com a criação da “short story”, ligada fundamentalmente à abreviação do tempo.

Relação artesanal é ainda abordada por Benjamin entre o narrador e a experiência, quando interroga: “...a relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal? Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único?” (p.221)

A comparação parece prenhe de significado,

uma vez que o resultado dessa relação artesanal far-se-á único, como única é cada experiência, coletiva ou individual, como única é a relação entre o narrador e o seu ouvinte. Artesanal é ainda a participação dos gestos, da mão do narrador, aprendidos na experiência do trabalho, e que intervem no que é por ele dito, sustentando o seu conteúdo, e certamente enriquecendo a narrativa. E nós, estudiosos das Ciências do Homem e da Sociedade, o que fazemos da riqueza de nossos gestos de nossas mãos?

Fica para reflexão a seguinte afirmativa de Benjamin: “A alma, o olho e a mão estão assim inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática.” (p. 220)

FORMULANDO ALGUMAS OBSERVAÇÕES ADICIONAIS

Recordo-me, de pronto, ao iniciar esta etapa do trabalho, do que Geertz (1978) afirma, referindo-se a que as obras não são acabadas, são abandonadas. Quero “abandonar” esta reflexão, levantando alguns questionamentos a mais, que me vieram, quando de sua elaboração.

Primeiro, continua a me intrigar que a experiência seja considerada por diversos autores como em processo de extinção, bem como a sabedoria. Assim, pergunto, creio que para me incentivar a prosseguir nesta linha de reflexão, se o homem contemporâneo construiu, está construindo ou ainda virá a construir algo que possa resgatar a experiência como fenômeno central em nossas vidas.

Da mesma forma, considerando a importância demonstrada sobre a narrativa, como forma genuína de comunicação, indago-me se haverá uma outra que substitua ou venha a substituí-la, nos tempos contemporâneos, o seu papel primordial no cotidiano das relações interpessoais, no sentido de sua contribuição para a troca de experiências, de saberes, enfim, como objeto diferenciado para a interação.

Em outro nível de questionamento, num âmbito muito mais de curiosidade histórica, senti falta, entre os autores, da figura da mulher como narradora, posto que em pelo menos um aspecto ela parece ter um papel inegável: na narração de contos de fadas (apontada por Benjamin) e na narrativa de fábulas (referida por Ginzburg), quando da transmissão dos saberes acumulados pelos caça-

dores, que decorriam de operações mentais complexas resultantes de seu ofício de farejar, registrar, interpretar e classificar pistas “infinitesimais”, saberes que eram transmitidos de geração a geração, enriquecendo o patrimônio cognoscitivo da humanidade. Poderíamos levantar também a hipótese da participação da mulher, nos primórdios da narrativa?

Afinal, quem desconhece Sharazade (ar.) ou Schéhérazade (fr.)? Personagem de “As Mil e Uma Noites”, consegue evitar, como prescrito, ser morta pelo sultão, contando-lhe histórias fascinantes, uma a cada noite, até conseguir o perdão. Os contos narrados por Scharazade são, por vezes, contos dentro dos contos, com personagens que aparecem e reaparecem. Trata-se, pois, de uma narradora, cuja história atravessou séculos e é até hoje amplamente conhecida.

Para continuar com uma narradora, agora uma nossa contemporânea, apresento algumas reflexões sobre a obra de Cora Coralina e a articulação com o conteúdo expresso na primeira parte deste trabalho.

UMA NARRADORA CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA — CORA CORALINA

Ao começar a falar sobre Cora Coralina, evoco de imediato lembranças de encontro que com ela mantive, nos idos de 1982, em sua Casa da Ponte, na cidade de Goiás Velho. Cora Coralina, já à época com 91 anos de idade, mantinha-se senhora de toda a sua lucidez. Foi através de seu próprio depoimento, feito em uma tarde inteira de conversa informal em sua residência, que tive conhecimento mais profundo sobre sua vida e sua obra, que até então me era restrito a informações de imprensa e algumas passadas por um seu neto, jornalista residente em Brasília.

Cora Coralina falou, com extrema clareza, sobre sua vida de doceira, os impedimentos de então de continuar o desempenho de sua profissão, uma vez que portava enfermidade nas pernas, que não lhe permitia mais fazer os doces caseiros. Por sua voz, também conheci fatos da cidade de Goiás, de sua gente, de suas ruas, das festas, dos personagens. Pude ver, também, o rio Vermelho, que passa dentro da propriedade em que Cora então habitava, correndo sobre a ponte, vizinha da Casa Velha da

Ponte, como ela denominava sua morada. Por sinal, as suas portas eram tradicionalmente sempre abertas aos visitantes que quisessem adentrar.

A dedicatória do livro que adquiri na ocasião, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, ora transcrita exatamente como o original por ela manuscrito, diz bem da sabedoria da mulher de 91 anos mais jovem que até hoje tive a oportunidade de conhecer:

Angela Pinheiro

A vida é boa e podemos fazel-a sempre melhor, e o melhor da vida é o trabalho. Trabalhar não cança o que traz sensação de cançasso é a rotina do trabalho. A ociosidade cança mais do que o proprio trabalho e nós todos, homens e mulheres, aprendemos e estudamos para trabalhar melhor. Trabalhar é construir e reconstruir e num vai-vem de fazer e refazer sempre, a humanidade cumpre o seu destino.

a) Cora Coralina

Cidade de Goiás, 12-6-82.”

Mulher de pouca instrução, estudou apenas as primeiras letras, como ela dizia, com Mestra Silvana, a quem Cora dedica o seu livro *Vintém de cobre – meias confissões de Aninha*. Cora Coralina foi considerada por Carlos Drummond de Andrade (1980) a pessoa mais importante de Goiás. Tem uma obra de publicação tardia: seu primeiro livro foi editado em 1965, quando Cora já contava 76 anos de idade, posto que Ana Lins de Guimarães Peixoto Bretas (Cora Coralina) nasceu em 20 de agosto de 1889, na cidade de Goiás. Cora morou fora do Estado de Goiás por 45 anos, voltando a residir, a partir de 1964, na Casa Velha da Ponte, até o seu falecimento.

Guardo comigo uma lembrança ao mesmo tempo muito real e muito mágica de Cora Coralina. Desde que a conheci, ficou-me uma imagem muito forte de uma mulher trabalhadora, artífice da poesia e um monumento vivo – mesmo depois de sua morte, em 1985, aos 95 anos de idade, uma mulher que soube fazer de sua memória uma fonte fértil de ensinamentos e sabedorias, transpostos em seus livros.

São obras da autora, por ordem cronológica:

- *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*
- *Meu livro de cordel*
- *Vintém de cobre*

– *Os meninos verdes*

– *Estórias da casa velha da ponte*

Falar mais sobre Cora Coralina? Por enquanto, prefiro fazê-lo através de sua própria obra, aqui representada pelo conteúdo de *Vintém de Cobre*, livro depositário de suas meias confissões. Escolhi-o por ser, dentre os escritos pela autora que me foram acessíveis (os três primeiros), o mais rico em narrativa e, portanto, mais aproximado do tema ora tratado.

Assim, a categoria da narração é central nas abordagens que se seguem sobre Cora Coralina, apresentando-a sob os seguintes ângulos:

a) o cotidiano na obra de Cora Coralina;

b) Cora Coralina, a narradora, pela visão dos outros;

c) as categorias da narração na obra de Cora Coralina.

Tais ângulos são, por vezes, sobrepostos, o que nos fará, em certos momentos, ir e vir entre eles. Pouco importa. Quero, fundamentalmente, trazer à tona a força da narrativa que consegui identificar e com ela me embeber na obra de Cora Coralina.

O COTIDIANO NA OBRA DE CORA CORALINA

Narração e cotidiano: relação íntima, talvez até mesmo inseparável. É no cotidiano que as experiências ocorrem e se sedimentam, como é no cotidiano que se insere a narração como instrumento de transformação das experiências privadas em experiências, como preconiza Hannah Arendt (1995).

Como se publicizariam certos personagens, eventos, sentimentos, objetos, a não ser através de determinados caminhos, entre os quais se destacam a narração e as manifestações artísticas de forma geral? Como se dariam a conhecer heróis anônimos do dia a dia, a não ser também pela força desses instrumentos?

Foi através da narração que travei conhecimento, me aproximei, assim como certamente os tantos outros leitores/ouvintes de Cora Coralina, da importância que assumiu para ela, por exemplo, a figura de sua bisavó, a Fazenda Paraíso, os castigos a que eram submetidas as crianças de Goiás, frente a alguma falta cometida.

A leitura e a releitura de *Vintém de cobre* deixam claro como Cora Coralina invoca o cotidiano, a todo instante, a todo verso seu.

Há uma densidade peculiar de personagens. Citamos algumas: a vizinha do lado, gente antiga, tia Nhorita, Maria Grampinho, o pai, a mãe, irmãs, a madrinha, os filhos e netos, o irmão pequeno. Longe estamos de esgotar o elenco de personagens, que prosseguem: Siá Balbina, escravos, Vaqueiro Fortunato, carreiro Anselmo, as enjoadas filhas da vizinha, seu Benício Sossegado.

Além de personagens humanos, há um número imenso de objetos, fatos, sentimentos e animais advindos do cotidiano, habitando os seus versos: a galinha chamada Dona Otília, broinhas, brevidades, a metade da bolacha ganha da bisavó, a loja do seu Cicinato, boneca de loiça, o rio, a cidade de Goiás Velho, histórias infantis, um caminhãozinho de brinquedo, flores várias, a cartilha do ABC e a tabuada, a roça, o medo e a coragem, os gatos, provérbios e adágios, a janela, a gleba, o mundo do faz de conta, os sonhos e o imaginário, a Universidade e o professor, a colheita do milho, as lembranças.

Cora, ao longo do livro, se identifica com personagens vários do cotidiano: boiadeiros, comissários, humildes, obscuros, lavadeiras, enxadeiros, machadeiros, menina enjeitada, cabocla velha, doceira, cozinheira, poeta, todos dentro de Cora, dentro e fora de seus versos, adentrando naturalmente o mundo de experiências de seus leitores e ouvintes.

Há um poema, particularmente, intitulado *Oferta de Aninha (As lavadeiras)*, em que a nossa narradora descreve a vida dessas trabalhadoras, louvando-lhe o ofício e contando-o e decantando-o com uma transparência peculiar, no que poderíamos reconhecer uma ode ao cotidiano.

Tudo isso tem cheiro, gosto, som, imagens e espessuras várias do cotidiano, que parece construído e reconstruído a todo instante nas narrações de Cora. Carlos Drummond de Andrade (1980) diz que ela tem “o dom de aproximar e transfigurar as coisas.” (p. 21)

Salta o cotidiano do seu livro e passa a nos habitar, por tantos dos seus personagens, que povoam, desde então, também o nosso cotidiano. E a listagem, diga-se, é tão-somente de alguns exemplos, longe muito de esgotar o manancial de memórias de Cora Coralina.

Quanto a mim, embebi-me na leitura dos seus casos cotidianos, na história e nas histórias do dia-

a-dia. Sua narração permitiu-me recompor, construir, reconstruir e desconstruir cenas do cotidiano, quase sempre parecendo-me familiares alguns acontecimentos distantes e desconhecidos.

CORA CORALINA — NARRADORA PELA VOZ DOS OUTROS

A quarta edição de *Vintém de cobre* traz uma série de textos sobre sua autora, e a obra de Cora de uma forma geral.

Como pode ser observado em suas partes iniciais, este trabalho foi elaborado seguindo uma abordagem da figura do narrador e, em seguida, da técnica da narrativa.

Assim, procuro detectar como Cora Coralina é vista e apresentada por esses escritos introdutórios de seu livro, no que concerne às características de uma narradora.

Tento, portanto, neste momento, refazer o texto sobre a figura do narrador, desconstruindo o inicial aqui apresentado anteriormente, e reconstruindo-o, a partir da visão que alguns autores têm de Cora Coralina, todos eles, esclareço, com pensamentos expressos na parte introdutória da quarta edição, datada de 1987, de *Vintém de cobre*.

Os editores apresentam Cora como um exemplo do costume de os mais velhos contarem casos para as crianças, constituindo-se um elo de permanência da tradição. Enquanto isso, Oswaldino Marques traz-nos a relação que se estabelece entre o narrador e o ouvinte, através da citação de um verso de Cora Coralina, que diz:

*Em qual dos grupos se julga situado você,
leitor amigo?*

Quanto à necessidade de aproximação do narrador com as camadas populares, Lena Costa qualifica Cora como “quase um milagre de identificação com a vida rural, sua gente, seus usos, seus valores” (p. 18). O Prof. Saturnino Ramon afirma que: “Cora sabe escolher as palavras que são as de seu povo. Sabe escolher seus temas que são os de sua terra e os de sua vida.” (p. 31)

Ela é, além disso, raízes de todos nós (Lena Costa) e um depósito de memórias, “surdinando música de sereias antigas e de dona Janaína moderna” (Carlos Drummond de Andrade: 21).

Sua sabedoria é insistentemente decantada:

“Ao longo dos anos... colheu sabedoria e compreensão.” Lena Costa (p. 19);

“Mulher-jazida de sabedoria” Marques (p. 25)

“Cora é modelo de brasilidade, sábia caipira...”
Ramon, (p. 31)

“Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, poetisa de algumas gerações goianas, patrimônio de todas” Cassimiro (p. 37)

Também sua experiência é extremamente destacada, por Carlos Drummond, assim como por Marques, que postula: “Difícilmente há ocorrido a transfusão tão completa de uma existência numa criação literária.” (p.26) Para Ramon, Cora é detentora de “experiência que ensina e mostra caminhos andados para outras gerações.” (p.30), colocando-a entre os mestres que também ensinam fora das suas salas de aula. Finalmente, Cassimiro diz:

“Cora Coralina, doutora dos becos da vida, das classes da experiência cotidiana, aprendeu de tudo quanto vivenciou as experiências mais entranhadas no âmago da natureza.” (p. 37)

Cora é apresentada como um ser geral (será esta uma característica do narrador?) por Drummond; e como uma mulher múltipla, no dizer de Marques. Essas afirmações fazem-me lembrar como Cora se identifica com diversos personagens, ao longo do seu livro, conforme já analisado anteriormente.

E a credibilidade da narradora, em que bases se sustenta? No entender de Marques, “Todos podem confiar na veracidade de seu testemunhar, do seu ajuizar sobre si mesma e sobre o mundo em que vive.” (p. 30)

A observação essencial do artista, apontada por Valery *Apud* Benjamin (1985), também é reconhecida como característica de Cora, por Cassimiro:

“doutora feita pela vida, pelo estudo incessante de tudo quanto aconteceu em seu derredor. Verso prenhe de emoções e verdades colhidas no processo de fecundação direta entre a emoção da artista e a mais profunda realidade das coisas, dos fatos e das pessoas.” (p. 37)

CORA CORALINA — NARRADORA POR ELA MESMA

É mais que hora de apresentar e sentir a narradora em Cora Coralina, expressa por si mesma, através de seus versos.

Perguntei-me ao iniciar nova leitura de seu livro *Vintém de Cobre* para a elaboração deste tra-

balho, se seria possível caracterizá-la como narradora, a partir das categorias estudadas dessa forma de comunicação, tendo como fonte de pesquisa os seus próprios poemas. O resultado desta prazerosa tarefa é o que se segue.

DA RELAÇÃO NARRADORA COM O(A) OUVINTE/LEITOR(A)

De início, digo que me senti sua ouvinte, privilegiada tal como uma outra, que ela destaca:

*Aonde anda a menina Célia, minha neta,
que gostava de ouvir contar histórias repetidas
em repetição sem fim?*

Com a obra de Cora, estabeleci uma relação em que o seu conteúdo em mim ressoou, tal como ela prevê acontecer com seus leitores, nos versos seguintes:

*De uma coisa estou certa, muitos dirão: estas
coisas também se passaram comigo.*

Sei bem que não estou só entre seus leitores, que Cora bem sabe serem tantos, como expressa na dedicatória de seu livro *Poemas dos becos de Goiás e outras histórias*.

Ao leitor

*Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do
Passado antes que o Tempo passe tudo a raso.*

É o que procuro fazer, para a geração nova, sempre atenta e enlevada nas histórias, lendas, tradições, sociologia e folclore de nossa terra.

Para a gente moça, pois, escrevi este livro de velhas histórias. Sei que serei lida e entendida.

Em outra poesia, Cora se reconhece como contadora de histórias, além de doceira, é claro...

Fiz um nome bonito de doceira, minha glória maior.

Fiz amigos e fregueses. Escrevi livros e contei histórias.

Verdades e mentiras. Foi o melhor tempo da minha vida.

Além disso, Cora também relata sua condição de ouvinte:

Ricarda, acocorada, alimentava o fogo.

Ficávamos ali em adoração naquele ritual sagrado,

que vem de milênios, de quando o primeiro fogo se acendeu na terra.

Contavam-se casos. Conversas infundáveis de outros tempos e pessoas mortas.

DA MARCA DA NARRADORA

Por certo, muitas são as marcas da narradora Cora Coralina. Estudos mais aprofundados hão de dar-lhes visibilidade. Faço-o com uma marca, extremamente ligada ao tempo de antigamente, ao passado, e às suas origens, à terra natal de Cora – a cidade de Goiás, marca que se faz tão presente em sua obra:

*Estas coisas dos Reinos
da
cidade de Goiás.
Era assim no antigamente, naqueles velhos
reinos de Goiás.
Um dia houve.
Tempo velho.
Era assim antigamente.
Contavam os antigos.
Estas coisas nos reinos de Goiás.*

DA RELAÇÃO COM O TEMPO

Igualmente forte é a relação que Cora demonstra com o tempo, que se manifesta através de alguns caminhos:

a) a referência constante a figuras ancestrais: à bisavó, à gente antiga, às famílias do passado e sua figura, às mulheres do passado, aos antigos;

b) o seu cuidado com a preservação da linguagem antiga:

*Podia crescer e perder o borzeguim.
Borzeguim... quem fala ou escreve mais esta
palavra...
sabe a menina do presente o que seja calçar
um borzeguim?*

*Deu o vestido pronto e uma boneca de
"loíça", no dizer de minha bisavó.*

c) a relação com o tempo propriamente dito:

*Nesse tempo me criei.
Daí, este livro – Vintém de cobre,
numa longa gestação,
inconsciente ou não,
que vem da infância longínqua
à ancianidade presente.*

*E o tempo passando e o moinho dos anos
moendo,
e a roda-da-vida rodando... Vira-virá!*

Eu me procuro no passado.

*Aninha, a sobrevivente, sua escrita pesada,
assentada
nas pedras da nossa cidade...*

*Seguro sempre nas mãos cansadas a velha
candeia
de azeite veletudinária e vitalícia do passado.*

Cora não fica tão-somente no passado. Vejamos como ela também vai ao futuro, em visão premonitória:

*Tempo virá. Uma vacina preventiva de erros
e violência se fará.
As prisões se transformarão em escolas e
oficinas.
E os homens, imunizados contra o crime,
cidadãos de um novo mundo,
contarão às crianças do futuro, estórias
absurdas de prisões,
celas, altos muros, de um tempo superado.*

E me pergunto (e creio que, muito mais ainda, desejo) que Cora tenha detectado indícios, sinais, pistas, e tudo o mais que nos faz lembrar o método indiciário (Ginzburg, 1989) para que sua afirmação divinatória possa se tornar realidade, cotidiano, dia a dia concreto...

E HÁ A SABEDORIA E A EXPERIÊNCIA

Cora exalta, em diversos momentos, os ensinamentos por ela recebidos de seus antepassados, com especial destaque para a bisavó; de sua única professora – Mestre Silvana; de pessoas do tempo antigo. Faz igualmente referência a bases da experiência, como nos versos seguintes:

*Dizia meu avô:
Quando as coisa ficam ruins,
é sinal de que o bem está perto.
O ruim está sempre abrindo passagem
para o bom.
O errado traz muita experiência
e o bom traz às vezes confusão!
Nem sempre assim nem nunca pior.*

Nossa narradora reconhecia na gente mais velha fonte legítima de sabedoria:
*Meu avô conhecia todas as verdades
e gastava a filosofia de quem muito viveu*

e aprendeu.

Da sabedoria popular, Cora parece também extrair bases para a sua própria sabedoria, além de, sem dúvida, contribuir para a preservação desse saber, ao dar-lhe visibilidade, ao torná-la pública, através de seus versos:

*Quisera eu ser dona, mandante da verdade
inteira e nua,
que nua, consta a sabedoria popular, está ela
no fundo de um poço profundo,
e sua irmã mentira foi a que ficou em cima
beradiando.*

Cora parece ligar o saber ao passar do tempo, o que torna o jovem aspirante natural ao aprendizado e à superação da ignorância:

*Não, são coisas por demais remotas que gente
moça ignora.*

A autora parece outrossim que apresenta um vínculo particular entre a sabedoria e a morte, a primeira prevalecendo à segunda, como também o diz Benjamin. Além disso, podemos perceber que Cora tem consciência da arte como forma de preservação do saber, quando diz:

*Quando eu morrer, não morrerei de tudo.
Estarei sempre nas páginas deste livro,
criação mais viva
da minha vida interior em parto solitário.*

A sabedoria e a experiência dos antigos são com constância enaltecidas por Cora Coralina. Vejamos alguns exemplos:

*Aquela gente antiga era sábia
e sagaz, dominante.*

...

*Como sabiam com tanta segurança
e autoridade?*

*Cresci com os meus medos e com o chá de
nariz de fedegoso,
prescrito pelo saber de minha bisavó.*

*A palavra dos velhos era ouvida com respeito,
estribada nos calços
da experiência e seus estímulos se faziam
consideráveis.*

Também o saber bíblico é recorrido por Cora, como no trecho em seguida transcrito:

*Nada tão real como a apóstrofe do gênesis:
'Tu és pó e ao pó retornarás.*

Destaco os versos seguintes como exemplares da importância da sabedoria e da experiência dos antigos para Cora Coralina, bem como o seu lamentação por não serem preservados e utilizados como poderiam, ou deveriam:

*Colhe dos velhos plantadores que sabem com
jeito e experiência
debulhar as espigas do passado e dar vida aos
cereais da vivência.*

*Quanta informação antiga, quanta
sabedoria inaproveitada...*

O saber que vem de longe também ocupa espaço privilegiado na obra de Cora Coralina:

*Estas coisas lá longe,
nos reinos da cidade de Andradina.*

*Lá longe, na divisa de três Estados, em festas,
presentes as autoridades,
a grande Barragem Itaipu Binacional.*

Aninha também diz de sua transformação, ocorrida a partir de sua obra, ou seja, a marca que em si própria a sua criação imprimiu:

*Não é o poeta que cria a poesia.
E sim, a poesia que condiciona o poeta.*

*Poeta é a sensibilidade acima do vulgar
Poeta é o operário, o artífice da palavra
E com ela compõe a ourivesaria de um verso.*

Tudo isso traz à tona a relação artesanal, citada por Benjamin, claramente expressa por Cora, que também retoma o tema em:

*Minha pena (esferográfica) é a enxada que vai
cavando,
é o arado milenário que sulca.
Meus versos têm relances da enxada, gume de
foice e peso de machado.
Cheiro de currais e gosto da terra.*

São igualmente inúmeros os versos em que Cora Coralina deixa fluir a sua sabedoria, às vezes em forma de conselhos, coadunando a figura da narradora como capaz de os formular e concedê-los:

A vida tem a melhor expressão no trabalho constante.

Tudo o que somos usuários vem da terra e volta para a terra.

Terra, água e ar. O triângulo da vida.

Digo sempre: jovens agradeçam a Deus todos os dias terem nascido nestes tempos novos...

Há também na poetisa uma consciência do seu saber, acumulado ao longo dos anos:

Eu sou aquela mulher

a quem o tempo

muito ensinou.

Ensinou a amar a vida.

Não desistir da luta.

Recomeçar na derrota.

E Cora estimula o aprendizado, a sabedoria, o que me parece iniciativa própria de quem detém a sabedoria:

Tu encontrarás sempre no teu caminho

alguém para a lição que precisas.

Aprende, mesmo que não queiras.

O saber da narradora faz chegar a ela pedidos de conselho, que ela registra:

Alguns vêm a mim.

Querem a palavra, o incentivo, a apreciação.

Que dizer a um jovem ansioso na sede

precoce de lançar um livro...

E TAMBÉM CONSELHOS SÃO DADOS...

...como podemos perceber nesses versos, onde é explícita a intenção da narradora:

O grande livro que sempre me valeu e que eu aconselho aos jovens

um dicionário. Ele é pai, é tio, é avô, é amigo e é um mestre.

Ou ainda, não tão explicitamente, mas com mensagem de conselho:

Recria tua vida, sempre, sempre

Remove pedras e planta roseiras e faz doces.

Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha

Um poema.

E viverás no coração dos jovens e na memória das gerações que hão de vir.

Alguns dos conselhos têm direção específica, como aquele que Cora endereça às mães:

Cria teus filhos,

não os entregues à creche.

Creche é fria, impessoal.

Nunca será um lar

para teu filho.

Ele, pequenino, precisa de ti.

Não o desligues de tua força maternal.

E O SENSO PRÁTICO DA NARRADORA SE EXPRESSA

Característica apontada por Benjamin, referente aos narradores natos, se evidencia nessas passagens de Cora Coralina:

O fumo era preparado por tia Nhá-Bá,

colhido nas hortas. Destaladas,

murchas as folhas, eram entregues à velha

mãe que fazia a torção

de forma especial, que só ela sabia fazer.

Eram postas para curtir num pequeno varal,

num canto remoto do oratório.

Ela governava aquilo e daquela reserva se

fazia com muita ciência

e pachorra, o torrado de meu avô. Trabalho

esse entregue a Nicota.

Até aos turistas de sua cidade de Goiás, Cora demonstra seu senso prático, mostrando-lhes um pouco o que fazer na sua terra natal:

Afinal que o turista vem e vai.

Não abrem caminho ao turismo informativo

e social,

...

Vale muito mais o artesanato comercial

bem amplo do pátio interno

do Convento dominicano.

...

Vale também o mercado e o museu comercial de Jair Figueiredo

que nunca se esvazia e onda há muito o que

ver e comprar.

Ele é envolvente e ótimo comerciante.

E HÁ MORAL DA HISTÓRIA?

Sim, muitas vezes, inclusive claramente perceptível, como nos versos de Cora que se seguem:

Conclusão:
Na prática, a teoria é outra.

*Procura sempre a alma oculta do teu computador.
Ele é uma criação maravilhosa da inteligência humana.
Uma dia tua sensibilidade a encontrará.*

Além da “moral da história”, vejamos, por fim, um exemplo de que a pergunta “O que aconteceu depois” – própria da narrativa, no entender de Benjamin, também tem seu lugar na obra de Cora Coralina:

*Minha fé é frágil, o mundo me domina,
sustentai a minha fé
Senhor! Aonde irei sem Vós?...*

MORAL... DESTA HISTÓRIA

Não consigo me contrapor simplesmente às afirmações de Walter Benjamin, quanto ao processo de extinção da narrativa, ou até mesmo quanto à sua morte.

Consigo, contudo, sentir e afirmar que encontrei e encontro (e creio que continuarei a encontrar), na obra de Cora Coralina, um exemplo vivo de que a narração tem permanecido no mundo contemporâneo. De forma insuficiente? Por certo. Como forma de saber, não tenho dúvida.

Da mesma forma, também não tenho dúvida de que essa forma de comunicação – a narrativa, tão antiga quanto fecunda, representa uma fonte translúcida, densa e profunda, essencial para as nossas buscas de compreensão do humano, de suas interações, de sua história, do seu mundo comum, do cotidiano.

Fico, agora, com um pensamento, mesclado de

sentimentos, de que os narradores são patrimônios especiais da sabedoria e da experiência humanas.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, C.D. de. (1980), Cora Coralina de Goiás. *Jornal do Brasil*, 27 dez.80. Caderno B. In: CORALINA, C. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 4.ed. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1987:21-2.
- ARENDT, H. (1995), *A condição humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- BENJAMIN, W. (1985), O Narrador. *Magia e teoria, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Brasiliense.
- _____. (1975). Sobre alguns temas em Baudelaire. *Os Pensadores v. XLVIII*. São Paulo, Abril Cultural:35-62.
- CORALINA, C. (1987), *Meu livro de cordel*. 3. ed. São Paulo, Global.
- _____. (1980), *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 3. ed. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás.
- _____. (1987), *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 4. ed. Goiânia, Ed. da Universidade Federal de Goiás.
- GEERTZ, C. (1978), *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar.
- GINZBURG, C. (1989), “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo, Companhia das Letras:143-79.
- LYOTARD, J.F. (1993), *O pós-moderno*. 4. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio.
- MOSCOVICI, S. (1994), “Prefácio”. In: JOVCHELOVITCH, S., GUARESCHI, P. (Orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, Vozes.
- PINHEIRO, A. de A. A. (1995), *Histórias de infância: a representação social da cidadania à voz da criança*. Fortaleza, Curso de Doutorado em Sociologia/UFC (mimeo).
- TELLES, V. da S. (1990), “Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt”. *Tempo Social*, v. 2, n.1:23-48.